

01/09/2017 - 05:00

BNDES planeja lançar fundo de recebíveis para saneamento e inovação

Por Francisco Góes

Em um cenário de



Eliane Lustosa, do BNDES: existe demanda de investidores em saneamento

restrição orçamentária, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) está buscando mobilizar recursos privados para apoiar, em conjunto com investidores, projetos de infraestrutura. O banco também quer atuar nas chamadas "falhas" de mercado, segmentos com menor interesse dos agentes, e ancorar novas iniciativas, disse ontem Eliane Lustosa, diretora de mercado de capitais do BNDES. Nesse contexto, ela anunciou que o banco trabalha na estruturação de dois fundos de direitos creditórios (FIDCs): um para a área de saneamento e outro para "venture debt", que dá suporte a pequenas empresas inovadoras.

O fundo de "venture debt" será constituído em uma primeira fase com patrimônio de R\$ 100 milhões e a ideia é que os aportes sejam meio a meio entre o BNDES e o mercado. Em uma segunda fase, esse fundo poderia chegar a R\$ 200 milhões, com a participação do banco ficando em até 40% do total. Eliane disse que o BNDES está em fase da escolha do gestor do fundo. "Esse fundo tem ticket pequeno, de R\$ 10 milhões por projeto, e destina-se a apoiar empresas que não têm balanço para conseguir dívida. São empresas inovadoras que não conseguem acessar o mercado de crédito. Vamos usar a possibilidade de ter participação no resultado dessas empresas", disse Eliane, que participou ontem, no Rio, do seminário "Infrainvest: infraestrutura sustentável para o Brasil", promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com apoio da Fundação Getúlio Vargas (FGV/Ebape).

O FIDC de saneamento encontra-se em fase anterior. Não há cifras precisas para a constituição desse fundo, mas Eliane disse que não deve ficar abaixo de R\$ 200 milhões. "O banco estuda o tamanho [do FIDC], é preciso ver se há emissão suficiente para lastrear o fundo. Imagino que não será menos de R\$ 200 milhões, mas vai depender da quantidade de projetos novos que venham ao mercado." O objetivo é que os aportes sejam 50% do BNDES e 50% do setor privado. O fundo investirá em projetos de saneamento tendo como lastro os recebíveis das empresas.

Ela disse que o Ministério das Cidades apoia a iniciativa. O desafio é estruturar junto com as empresas [do setor] os recebíveis de forma bancável. É uma discussão que estamos fazendo caso a caso, para que as empresas que não têm cultura de ir ao mercado possam acessá-lo", disse Eliane. Para isso, basta que a empresa de saneamento esteja em dia com a concessão para que possa fazer operações de mercado habilitando-se a incentivos fiscais previstos em lei.

"Sentimos que há demanda grande de investidores estrangeiros [em saneamento] e a ideia é usar os recebíveis [das empresas do setor] como garantia [nas operações]. Caberá ao gestor do FIDC, que ainda será selecionado, escolher a estrutura de recebíveis mais adequada, o que torna a classificação de risco do projeto boa, uma vez que independente do rating da empresa. "É o gestor que tem que conhecer e atuar nessa linha", disse Eliane. E completou: "Tem que olhar a

qualidade dos recebíveis [da empresa], que é o que vai definir a financiabilidade do projeto e isso quem vai fazer é o gestor." Na visão dela, o que vai restringir a operação é a capacidade de levar projetos para o mercado, uma vez que recursos não faltam.

O FIDC de saneamento segue o modelo de outro fundo lançado pelo banco para a área de energia renovável com patrimônio de R\$ 500 milhões, prazo de 15 anos e participação máxima de 50% da BNDESPar, o braço de participações do BNDES. Neste caso, o BNDES escolheu como gestor a Vinci Partners. Em março, o BNDES anunciou que o fundo seria o primeiro parceiro da Climate Bonds Initiative no Brasil, instituição sem fins lucrativos que busca incentivar a criação de instrumentos financeiros de apoio a soluções para as mudanças climáticas.